

A UNIVERSALIDADE E A EDUCAÇÃO EM VALORES¹

Liége de Jesus da Silva², Gian Eligio Soliman Ruschel³

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina Ética e Formação do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências no ano de 2023.

² Estudante do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

³ Estudante do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende realizar um esforço de reflexão para compreender o conceito de universalidade na educação, colocando em diálogo a própria universalidade com outros conceitos basilares e igualmente caros para a tradição da educação. O que é a universalidade na educação? O que podemos considerar universal? Como anda a noção de universalidade na contemporaneidade? Estas são questões que balizam nosso exercício interpretativo.

Partimos da ideia de que a tradição grega tem papel fundamental no que entendemos hoje por educação. É por meio da educação que uma sociedade conserva e transmite seu conhecimento. E este é um dos legados grego, a formação do homem para a pólis, para viver em comunidade e na cultura (a *paideia*). Apesar de o conceito de cultura se modificar ao longo do tempo, e nosso conceito de cultura não ser exatamente o mesmo utilizado na tradição grega, o papel formativo da educação para a cultura é uma influência da tradição grega.

Assim como na tradição grega, na educação escolar de novos sujeitos, que concebemos hoje, busca-se prepará-los para a vida pública, para que tenham condições mínimas para se tornar um ser político e viver em um mundo comum e compartilhado. Nesse contexto intentamos buscar lançar luz a esse conceito também na contemporaneidade, tendo em vista sua importância, bem como para a própria contribuição para a educação de qualidade, um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que compõem a agenda 2030 da ONU.

METODOLOGIA

Este trabalho pretende responder suas questões norteadoras a partir de um esforço crítico interpretativo com base na interlocução de conceitos da tradição do campo filosófico e educacional. Assim, metodologicamente, este escrito se baseia em pesquisa bibliográfica com aporte crítico-hermenêutico de textos do campo filosófico e educacional.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partimos do pressuposto de que uma geração não se forma sozinha, mas é herdeira de seus antecessores, entendemos que a educação prepararia os novos cidadãos para terem certa autonomia, mas que ela só se consolida na relação com os outros, já que este sujeito em construção estaria situado em um mundo de sentidos compartilhados e que foram construídos de forma coletiva. Há no ser humano uma condição de desamparo, já que não nos constituímos humanos sem outros humanos (SAVATER, 1998), desde nossas necessidades mais básicas como a alimentação, até a inserção na linguagem e na cultura.

As novas gerações não são apenas herdeiras no sentido epistêmico, mas também de valores que não se formam sozinhos, pois são historicidade, constituídos dentro de uma certa tradição. Assim, a educação escolar é parte central deste percurso de formação humana, além da educação na família e participação em outros grupos em que nos inserimos. Como afirma Savater (1998, p. 174), “a educação é antes de tudo transmissão de alguma coisa, e só transmitimos aquilo que consideramos digno de ser conservado”.

Como tratamos aqui de valores morais e a educação em valores, é importante perceber que pode ser uma tarefa complexa, já que definir o que são valores poder ser bastante difícil. Mas, é imprescindível que busquemos nos afastar da tentação de cair na opinião individual. Os valores são elementos imprescindíveis à vida humana, são organizadores e, segundo Cortina (2005), aprendemos os valores, aprendemos a ser cidadãos assim como aprendemos tantas outras coisas. Além disso, seguimos esses valores que aprendemos não por imposição das leis, e sim por preza-los. Assim, educar em valores é educar na cidadania, transmitir valores morais universais e construir um mundo juntos.

Para Cortina (2005, p. 173), “ajudar a cultivar as faculdades (intelectuais e sencientes) necessárias para apreciar os valores cidadãos é educar na cidadania local e universal”. Sem esses valores compartilhados¹, a humanidade se fragiliza e é na tentativa de conservação e manutenção que os universalizamos e acreditamos que qualquer pessoa poderia realizá-los, ou, pelo menos vir a tentar.

¹ Cabe dizer que existem outros valores, como os estéticos, religiosos, da saúde e intelectuais. Como afirma Cortina (2005), é a partir dos valores morais que se organizam e também se modificam esses outros valores.

Além da difícil tarefa de definir um conceito de valores, outra tarefa escorregadia é nomear que valores morais seriam esses a serem universalizados, aqueles fundamentais para a cidadania. Podemos nos orientar nessa tarefa retornando aos valores universalmente humanizadores, defendidos pela Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) e seus desdobramentos, adotados por países democráticos, que são: liberdade (as liberdades), igualdade, respeito ativo, solidariedade e diálogo.

Consideremos também que os valores e a noção de universal são ligados ao tempo e ao momento histórico, não são cristalizados. A medida em que nos modificamos, modificamos os valores também. Essa noção de universal também é sempre limitada na medida em que é impossível demarcar um universal absoluto. E num mundo contemporâneo multicultural, repleto de diversidades e pluralidades, se torna um desafio ainda maior definir o que deve ser universalizado.

Todavia, os valores universais devem ser resguardados da ideia de contextualismo ou de opiniões individuais. Esta discussão é amplamente abordada por Nadja Herman (2001), que reflete sobre a realidade contemporânea do *contextualismo versus universalismo* ético, ou pluralismo *versus* unidade. Hermann (2001) apresenta duas visões de reações da prática pedagógica frente à essa pluralidade que se apresenta no contexto educacional: a *suspeita* e a *produtividade*. A reação de suspeita enfrenta a pluralidade como ameaça. Já a reação de produtividade se mostra como a reação favorável, como uma valorização das diferenças. Assim, Hermann (2001) chama a atenção para o fato de que as diferenças que surgem a partir da pluralidade representem uma chance para se renovar os objetivos da educação.

A pluralidade incita a educação a considerar as múltiplas dimensões da ideia de bem e a conseqüente necessidade de reconhecer que, mesmo sob a orientação de uma ideia de bem universal, não há uma determinação *a priori* da educação correta (HERMANN, 2001, p. 136).

Pensar a relação da pluralidade cultural e o que pretendemos identificar como universal é importante para desvincular a ideia de que a universalidade é alheia às diferenças. As maiores produções humanas são construções coletivas e universais. E essas construções precisam ser transmitidas e valorizadas. A escola é um dos locais que permite essa transmissão, principalmente dos valores morais que destacamos. Porém, como nos alerta Savater (1998, p.

193), “é importante que na escola se ensine a discutir, mas é imprescindível deixar claro que a escola não é foro de debates nem púlpito”.

Podemos considerar também a escola é uma espécie de refletor ou termômetro de sintomas e efeitos culturais. A escola tem papel fundamental no surgimento da pergunta ética e das transformações do que é universal. O que nos leva à terceira questão levantada no início deste escrito: Como anda a noção de universalidade na contemporaneidade? Poderíamos nos referir à pós-modernidade ou até mesmo neomodernidade, mas trabalharemos com a noção de contemporaneidade para indicar os tempos mais atuais, oriundos de inúmeras transformações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é um fato desconhecido que os discursos contemporâneos valorizam o individualismo, a opinião própria, a concorrência, são regidos pelo mercado e pelo capital e se afastam cada vez mais da noção de coletividade. Isso nos indica que uma noção de universalidade não está em foco nestes discursos. Fato que nos dá indícios de que precisa ser conservado na educação. O ideal de um, o universal e o sujeito dentro de uma comunidade universal são noções liberais de um projeto de modernidade, mas não são interesses mantidos pela sua sequência pós-moderna e contemporânea.

Essa valorização do individual e enfraquecimento da noção de coletivo e de universal se apresentam como um risco à existência da própria noção de sujeito, fruto da modernidade. É no projeto moderno que se inaugura a possibilidade de ser sujeito. Mas este sujeito não pode existir por si só, não é sem referências, ele é sempre devedor de um outro, não se constitui sem uma historicidade e sem transmissão. Acelerar esse processo de individualização culmina na extinção dessa concepção de sujeito.

Podemos dizer que a universalidade se encontra em ameaça, já que os princípios humanos que se transformaram com a pós-modernidade poderiam aniquilar a universalidade, já que o projeto de sociedade não é o mesmo pensado anteriormente, tampouco o ideal de cidadão que se busca formar.

Levantamos como hipótese que, o que se apresenta hoje, de forma controversa e confusa, como uma dissimulação de universalidade, poderia se tratar de uma tentativa de massificação de discursos com interesses pré-definidos, talvez capitalistas, na tentativa de

integrar o indivíduo contemporâneo. Neste sentido, cabe a tentativa de resguardar a noção de universalidade, conforme descrevemos neste escrito, como a possibilidade de salvaguardar este sujeito moderno. Assim como, abrir a possibilidade de reflexão sobre a educação como um “lugar” em que este sujeito poderia se resguardar. Para isso, a educação precisa ser resguardada primeiro.

Palavras-chave: Educação. Valores. Universalidade. Conservação. Mundo comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Tradução: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Layola, 2005.

HERMANN, Nadja. **Pluralidade e ética em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar**. Tradução: Mônica Stahel. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.